

A INTERCALAÇÃO DE GÊNEROS NA ENTREVISTA PINGUE-PONGUE

Nívea Rohling da Silva¹

RESUMO: Objetivamos apresentar análise de algumas regularidades do gênero *entrevista pingue-pongue*, tendo como enfoque a intercalação de gêneros. A fundamentação teórico-metodológica insere-se na teoria de gêneros do discurso e da análise dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin (ADD). Os resultados de análise apontaram para a presença da intercalação do gênero entrevista face a face, que funciona como uma “encenação” da interação face a face que se “aporta” na entrevista. Além desse caso de intercalação, observamos que, em algumas entrevistas, mais precisamente nas que constituem seção de revista (páginas vermelhas da *ISTOÉ* e páginas amarelas da *Veja*), ocorre a inserção de gêneros da esfera da propaganda. Nesses casos, não se trata exatamente de uma intercalação de gênero, mas de uma “invasão” da esfera da propaganda no espaço da entrevista.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista pingue-pongue; Intercalação de gêneros; Gêneros do discurso; Bakhtin; Teoria de gêneros.

ABSTRACT: *We aim at presenting an analysis of some regularities of the genre ping-pong interview: genres intercalation. The theoretical-methodological basis stems from the theory of speech genres and the dialogical analysis of speech by Bakhtin Circle (DDA). The results of analysis showed the presence of intercalation of the genre face to face interview which acts as a "staging" of face to face interaction that "inserts itself" into the interview. Furthermore, we observed that in some interviews, more exactly in the ones that constitute magazine sections (the red pages of IstoÉ and the yellow pages of Veja), it is possible to notice the intercalation of genres from the propaganda sphere. In such cases, it is not exactly an intercalation of genres, but an "invasion" of the propaganda sphere into the space of the interview.*

KEYWORDS: *Ping-pong interview; Genre intercalation; Verb-visual language; Speech genres; Bakhtin; Theory of speech genres.*

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise de aspectos da dimensão linguageira do gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista, tendo como enfoque a *intercalação de gêneros* no gênero pesquisado.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Bolsista CAPES. E-mail: niveajoi@yahoo.com.br.

Para tanto, inicialmente, delinaremos o quadro teórico em que nos inserimos, a teoria de gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin, apresentando conceitos centrais para a consecução do objetivo proposto, em especial, os de enunciado e de gêneros do discurso enunciado. Em seguida, faremos a descrição dos dados de pesquisa, precedida de breve exposição e justificativa do percurso metodológico escolhido para a análise dos dados. Finalmente, apresentaremos algumas das regularidades encontradas no processo de análise dos dados.

A opção pelo uso do termo *entrevista pingue-pongue*, ou seja, da nomeação do gênero objeto de pesquisa como *entrevista pingue-pongue* ocorre em função da polissemia do termo *entrevista*, que pode indicar uma variedade de gêneros nomeados como tal (entrevista de emprego, entrevista médica, entrevista face a face etc.); além disso, esse é o termo mais recorrente na esfera de trabalho do jornalismo e, sobretudo, no jornalismo de revista, para identificar as entrevistas que apresentam textualmente a sequência de perguntas e respostas resultado da reenunciação da entrevista face a face.

1. A unidade concreta da comunicação discursiva: o enunciado

A relevância do conceito de enunciado² na teoria do Círculo é notória, tendo em vista a própria afirmação de Bakhtin a respeito da importância do enunciado nas interações sociais: “Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por meio de enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)” (BAKHTIN, 2003c, p. 283). Segundo Bakhtin (1926, p. 9), “[...] o enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação”. Para o autor, o enunciado é a expressão e o produto da interação de três participantes, a saber: o falante (autor), o interlocutor (leitor, contemplador, espectador, ouvinte) e o tópico (herói, tema, o quê ou quem da fala) (BAKHTIN, 1926).

Com relação aos elementos constitutivos, o enunciado compõe-se de três elementos intrinsecamente ligados: conteúdo temático, estilo e construção composicional. O conteúdo

² De acordo com o tradutor do livro *Estética da criação verbal*, Paulo Bezerra, com relação ao enunciado, Bakhtin utiliza um só termo – *viskázivanie* – para designar tanto enunciação (emissão do discurso) quanto o enunciado (discurso já pronunciado).

temático, definido pelas atividades humanas, relaciona-se às escolhas do objeto do discurso feitas pelo falante para compor seu discurso. Tais escolhas são realizadas na interlocução; o objeto pode também surgir de outros enunciados em forma de reação-resposta ativa. A construção composicional, por sua vez, está relacionada à organização discursiva e à relação entre os interlocutores, propiciando a noção de acabamento do enunciado. Segundo Bakhtin (2003d), uma determinada construção composicional permite que o falante tenha a percepção de conjunto do discurso e até faz com que ele antecipe o fim desse.

No tocante ao estilo, Bakhtin (2003d) enfatiza que todo enunciado é individual e, por isso, pode refletir a individualidade do falante na linguagem, mas ressalta que nem todos os gêneros possibilitam a expressão do estilo individualizado; alguns gêneros têm como característica principal a padronização e eliminação de marcas individuais, como, por exemplo, gêneros da esfera administrativa, militar e acadêmica. Em resumo, de acordo com Bakhtin (2003d, p. 262), o estilo se caracteriza pela “seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua [...]”.

Ainda no que tange à caracterização do enunciado, podem-se citar algumas peculiaridades desse como unidade da comunicação discursiva, a saber: a possibilidade de ser delimitado pela alternância dos sujeitos do discurso; o fato de ter contato com a realidade (situação extraverbal); a expressividade e a conclusibilidade (BAKHTIN, 2003c). A alternância dos sujeitos do discurso, que termina com a transmissão da palavra ao outro, caracteriza-se por fixar “os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003c, p. 175). Compreende-se, nesse sentido, que essa alternância dos falantes no discurso se relaciona às fronteiras do enunciado, em outras palavras, a “fala” do outro serve de limite para o enunciado.

Na interação verbal, os sujeitos se intercalam na enunciação, produzindo enunciados que requerem reações-resposta ativas, nessa troca, evidencia-se o seu caráter dialógico. A alternância dos sujeitos do discurso (limite do enunciado) constitui-se em um dos primeiros critérios que emprestam ao enunciado o *status* de unidade real da comunicação discursiva e que o caracterizam como um elo na cadeia de muitos outros enunciados, produzindo uma teia de significações. “É esse limite que ‘emoldura’ o enunciado e cria para ele a massa firme” (BAKHTIN, 2003c, p. 279).

Já a situação extraverbal do enunciado, segundo Bakhtin (1926), compreende três fatores: 1) o horizonte espacial comum dos interlocutores; 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores e 3) sua avaliação comum dessa situação. O aspecto da expressividade, igualmente, é considerado uma característica inerente ao enunciado dada a não existência de enunciado neutro, sendo assim, a expressividade está ligada à posição axiológica do autor frente ao objeto do seu discurso e ao auditório da interlocução. A conclusibilidade, por sua vez, confere ao enunciado o caráter de acabamento; ela parte, primeiramente, da possibilidade responsiva do interlocutor. Esse fechamento, que faz com que o enunciado seja compreendido e passível de resposta, não se apresenta gramaticalmente, mas sim através de interações reais entre os sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2003c).

Na explanação sobre a conclusibilidade, Bakhtin afirma que ela é

[...] uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreve) *tudo* o quis dizer em dado momento ou sob dadas condições. Quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do enunciado, como se ouvíssemos o “dixi” conclusivo do falante (BAKHTIN, 2003c, p. 280, grifo do autor).

Tal noção de conclusibilidade, nos termos bakhtinianos, é facilmente verificada em uma conversa cotidiana em que o falante percebe o fim do enunciado do interlocutor antes mesmo da conclusão e, muitas vezes, antecipa sua resposta. Sob essa ótica, o primeiro critério da conclusibilidade é “a possibilidade de *responder a ele* [o enunciado], em termos mais precisos e amplos, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva” (BAKHTIN, 2003c, p. 208, grifo do autor). O autor aponta, como exemplos de posição responsiva, situações como: cumprir uma ordem, o discurso científico com o qual se pode concordar ou não (inteiramente ou em parte) e os questionamentos feitos no cotidiano, tais como, “Que horas são?” (BAKHTIN, 2003c).

As características do enunciado, já aqui mencionadas, estão relacionadas à noção de “não-acabamento”. Aliás, essa noção está presente no pensamento bakhtiniano não somente no que se refere ao enunciado, mas, também, no que tange à própria construção da subjetividade do sujeito, pois, este é, para Bakhtin, inacabado. O não-acabamento do enunciado se mostra na dificuldade em delimitar seu início e seu fim, uma vez que, segundo Bakhtin, “Não pode haver enunciado

isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e sucedem. Nenhum enunciado pode ser primeiro ou último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado” (BAKHTIN, 2003a, p. 371).

Assim, o conceito bakhtiniano de enunciado mostra-se complexo, podendo somente ser compreendido no plano do discurso e não no plano da língua (sistema abstrato de formas). Até aqui expusemos o conceito de enunciado, que se constitui em um elemento importante para apreensão da noção de gêneros do discurso que será o tema da seção seguinte.

2. Os tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros do discurso

A partir do conceito de enunciado pode-se chegar à noção de gêneros do discurso postulada por Bakhtin. O conceito de gênero é apresentado em muitos textos do Círculo e a sua terminologia oscila entre formas de discurso social, formas de um todo e tipos de interação verbal (RODRIGUES, 2005). Entretanto, no texto intitulado *Os gêneros do discurso*, onde a questão dos gêneros é detalhada, Bakhtin opta pelo termo ‘gêneros do discurso’, termo este que acabou sendo também o nome mais utilizado nas pesquisas em Linguística Aplicada que seguem tal enfoque³. No referido texto, Bakhtin (2003d) define os gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, ou seja, através de enunciados individuais, que se movimentam em direção a uma regularidade, surge o gênero, e essa relativa estabilização acontece através de seu uso em interações concretas.

Uma vez definidos como tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros carregam em si um caráter flexível e plástico. Nessa definição, a palavra relativamente é fundamental; é ela que denota a flexibilidade do gênero, a qual está diretamente ligada às interações sociais. Se as relações humanas são complexas, as mudanças, ininterruptas, e os gêneros constituem-se a partir das atividades humanas, conseqüentemente, eles irão refletir as mudanças histórico-sociais. Uma

³ Em Rojo (2005), no texto intitulado: “Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas”, há uma discussão sobre a diferença teórico-metodológica envolvida no uso das terminologias: teoria de gêneros do discurso ou discursivos e teoria dos gêneros de texto ou textuais. Para a autora, ambas as leituras estão ancoradas em diferentes leituras bakhtinianas, mas a distinção está no fato de que a primeira centra seu estudo nas situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos, e, a segunda, na descrição da materialidade do texto.

vez que as interações humanas estão em constante constituição, os gêneros possuem, então, a mesma característica de “não-acabamento” do enunciado.

Ainda sobre a conceituação de gêneros, de acordo com Rodrigues, Bakhtin concebe os gêneros como “tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável” (RODRIGUES, 2005, p. 164). Assim, segundo Rodrigues (2005), é necessário olhar os gêneros a partir de sua historicidade, já que não são unidades convencionais, mas sim, tipos históricos de enunciados, possuindo a mesma natureza do enunciado (natureza social, discursiva e dialógica).

De acordo com Bakhtin (2003d), a diversidade dos gêneros é infinita porque são inesgotáveis as possibilidades das atividades humanas e cada esfera comporta um repertório de gêneros do discurso que vai se diferenciando e se ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e torna-se mais complexa. Ao estabelecer a noção de gênero, o autor apresenta uma “classificação” dos gêneros como: primários e secundários. Os gêneros primários são aqueles ligados às esferas cotidianas de interação, podendo, muitas vezes, transformar-se e assumir estatuto de gênero secundário, tendo em vista a dinamicidade e plasticidade inerente aos gêneros. Já os gêneros secundários, segundo Bakhtin, “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente desenvolvido e organizado (predominantemente escrito) [...]” (BAKHTIN, 2003c, p. 263) e, por sua vez, demandam uma complexidade maior, sendo exemplos, o romance, os gêneros científicos, jornalísticos, entre outros.

Já com relação ao surgimento de novos gêneros, pode-se dizer que esse processo se dá a partir das demandas sociais, pois um gênero surge ou desaparece em função das condições sócio-discursivas. Nessa mesma perspectiva, Geraldi (2006) propõe que a emergência de novos gêneros está associada às atividades sociais, e que, quanto mais complexa é uma sociedade, mais complexos e em maior número são os gêneros nela construídos.

Na contemporaneidade, tem-se observado o surgimento e o desaparecimento de diversos gêneros; Rodrigues (2005) cita, como exemplo de gêneros que desapareceram de circulação social, as conversas de salão e o romance-folhetim. Já outros gêneros surgem de uma espécie de

transmutação, como, por exemplo, gêneros encontrados no suporte digital: o *blog*⁴, que lembra o diário, o *e-mail*, que possui características da carta, todavia, os novos gêneros não substituem os já estabelecidos: o telefonema não substituiu a conversa, o artigo assinado não excluiu o editorial (RODRIGUES, 2005). Não se trata de uma relação de substituição, e sim, do aparecimento de gêneros a partir das novas necessidades de interlocução, o que ocorre através das mudanças sócio-históricas, repercutindo nas relações de subjetividade e alteridade dos sujeitos.

A origem dos gêneros, bem como seu processo de mudança, também é discutida por Todorov (1980)⁵ no escopo do literário, porém essa reflexão também é válida para o presente estudo, uma vez que está em consonância com a teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso. Na perspectiva de Todorov (1980, p. 46), “Um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos [...]”. Ainda dentro do escopo literário, mas no que se refere a uma teoria geral dos gêneros, o autor pontua que ao se pensar em temporalidade não há nada “anterior aos gêneros”, pois nunca houve literatura sem gênero. Ele propõe que tanto os gêneros literários, quanto os que não estão dentro deste limite, ou seja, os gêneros das demais esferas sócio-discursivas, têm por origem o discurso humano, e que sua constituição se dá a partir de práticas sociais. A mola propulsora do aparecimento ou desaparecimento de um gênero são as necessidades comunicativas intrínsecas às práticas de interação social. Somente as necessidades discursivas, surgidas nas interações humanas, propiciam o surgimento e modalizam os modos sociais de dizer, a saber, os gêneros do discurso.

Em resumo, os gêneros norteiam as interações sociais e, ao mesmo tempo, são por elas norteados; apresentam flexibilidade para as organizações dos enunciados; servem como baliza para o dizer social; trazem, intrinsecamente, todo um universo axiológico. Os sujeitos se enunciam por meio dos enunciados construídos dentro de um determinado gênero e, por meio do enunciado e do seu gênero, expressam suas concepções de mundo, suas crenças, seus valores, revelando, não raras vezes, a voz do outro que compõe seu discurso, e formando, desse modo, uma cadeia ininterrupta de sentidos. Dessa maneira, compreende-se a posição central que os gêneros ocupam na arquitetura do pensamento bakhtiniano.

⁴ *Blog* pode ser traduzido por diário na rede. Sobre esse assunto ver: Komesu (2005).

⁵ É importante ressaltar que Tzvetan Todorov foi um leitor de Bakhtin, embasando-se nesse autor para elaborar sua construção teórica sobre os gêneros do discurso. Contudo, nesse texto, Todorov não faz alusão à teoria bakhtiniana.

3. Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa insere-se nos estudos analíticos de gêneros e de discurso⁶. Tomamos como base teórica a concepção bakhtiniana de linguagem; e como fundamento metodológico a *ordem metodológica* de cunho sócio-histórico proposta por Bakhtin [Volochínov] (2004) para o estudo da linguagem.

Além disso, também optamos pela proposta metodológica de estudo de gêneros do discurso de Rodrigues (2001), cujas idéias estão ancoradas em Bakhtin. Seguindo a proposta da autora, partimos da análise da *dimensão social do gênero para posteriormente analisarmos sua dimensão verbal [dimensão languageira]*. Essa proposta aponta para a necessidade de estudar, de antemão, os aspectos sócio-discursivos do gênero, ou seja, o auditório social, as condições de produção, a esfera social em que circula⁷, para, só então, proceder à análise de suas (relativas) regularidades languageiras (no nosso caso, no verbo-visual), correlacionadas com as regularidades da situação social de interação. Entretanto, é importante salientar que esse procedimento de análise (a ordem de análise das dimensões do gênero, que em dados momentos são analisadas e apresentadas separadamente) justifica-se apenas por questões metodológicas, tendo em vista que as duas dimensões são indissociáveis na concretização do enunciado e, portanto, também no gênero e em sua análise. Segundo Rodrigues (2001, p. 248), “[...] tem-se uma relação inextricável entre as dimensões social e verbal [languageira] do enunciado, que formam a sua unidade, e do enunciado singular e o seu gênero”.

Os dados da pesquisa constituem-se de todas as *entrevistas pingue-pongues*, 52 (cinquenta e duas) entrevistas, publicadas em três revistas semanais de informação, de circulação nacional: *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*⁸, publicadas no período de 04 de outubro de 2006 a 08 de novembro de 2006, período de cobertura do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil.

⁶ Optamos por apresentar os aspectos teóricos pertinentes aos objetivos do artigo nas seções de apresentação dos resultados de análise.

⁷ Como este artigo apresenta uma parte da totalidade da pesquisa realizada, as questões mais ligadas à dimensão social do gênero não serão discutidas aqui, embora o que apresentamos sobre a dimensão languageira do gênero esteja assentado nos resultados de análise dos aspectos da dimensão social.

⁸ As revistas são referenciadas pelo nome tal como esse aparece em suas capas: *CartaCapital*, sem espaço entre as palavras; *ISTOÉ*, todo em letra maiúscula e sem espaço entre as palavras; e *Veja*, com a letra inicial maiúscula.

Para este artigo, apresentaremos especificamente algumas regularidades da dimensão textual do gênero pesquisado, conforme mencionado na introdução deste artigo.

4. A organização textual do gênero entrevista pingue-pongue⁹

A organização textual, como o nome já explicita, diz respeito aos elementos textuais que compõem o gênero *entrevista pingue-pongue*, como título, subtítulo, introdução, sequência de perguntas e de respostas, “olho”, fotografia, etc. Nesta seção, abordaremos esse conjunto de elementos, bem como sua sequência de apresentação na organização da dimensão textual do gênero (materialidade do gênero).

Durante a análise dos dados percebemos manifestações diferenciadas do gênero nas revistas pesquisadas (no que se refere ao seu lugar na revista e seu papel no todo da revista). Em virtude disso, fizemos o seguinte agrupamento das entrevistas:

1. *Entrevistas pingue-pongues nucleares*: publicadas nas páginas vermelhas e nas seções principais da revista *ISTOÉ*; nas páginas amarelas e seções principais da revista *Veja*; e em qualquer seção na *CartaCapital*; e 2. *Entrevistas pingue-pongues satélites*¹⁰: publicadas em seções diversas, como, por exemplo, nas seções destinadas a jornalismo social (Holofote (*Veja*) e Gente (*Veja*)), nas seções dedicadas a discutir “acontecimentos” políticos da semana (Brasil Confidencial (*ISTOÉ*) e nas seções que discutem comportamento, profissão, saúde etc. (seção GUIA *Veja* (*Veja*)), onde a entrevista cumpre a tarefa de “completar” e/ou “reafirmar” outros enunciados, como reportagens.

O critério para esse agrupamento das entrevistas, como já mencionado, foi estabelecido a partir da percepção de que, nas variadas manifestações do gênero nas edições pesquisadas, algumas entrevistas se encontram em uma posição de “independência” em relação aos demais gêneros e ocupam, nesses casos, uma página ou até mesmo uma seção da revista, o que nos levou a nomear esse conjunto de entrevistas como *entrevista nuclear*. Já em outros casos, o gênero se encontra em posição de “subordinação” a outros gêneros em uma mesma página da

⁹ A noção de organização textual está relacionada à composição do gênero de Bakhtin. Porém a composição do gênero nos termos bakhtinianos é mais ampla que a noção de organização (ou composição) textual, uma vez que inclui os aspectos da dimensão social, como a composição dos participantes da interação. Usamos o termo organização textual por estarmos apresentando apenas uma faceta, a textual, da noção de composição do gênero.

¹⁰ As entrevistas pingue-pongues satélites não são publicadas pela revista *CartaCapital*.

revista e, conseqüentemente, em uma mesma seção; a esse conjunto, atribuímos o nome de *entrevista satélite*.

Além disso, após analisar os elementos constitutivos do gênero e sua organização na materialidade do enunciado, agrupamos as entrevistas em duas tabelas, de acordo com suas similaridades: a tabela 1 apresenta a organização textual da entrevista nuclear nas diferentes revistas e a tabela 2 apresenta a organização textual da entrevista satélite (*ISTOÉ* e *Veja*).

<i>CartaCapital</i>	<i>ISTOÉ</i>	<i>Veja</i>
Nome da seção (variável)	Nome da seção (no caso: <i>Entrevista</i>) e nome do entrevistado (na mesma linha)	Nome da seção (no caso: <i>Entrevista</i>) e nome do entrevistado (na mesma linha)
Título	Título	Título
Subtítulo e foto do entrevistado	Subtítulo e foto do entrevistado	Subtítulo e foto do entrevistado
Nome do jornalista	Nome do jornalista	Nome do jornalista
Introdução	Introdução	Introdução
Sequência de perguntas e respostas: as perguntas, primeiramente, introduzidas com o nome da revista e, depois, somente pelas iniciais da revista; e respostas (introduzidas com o nome do entrevistado). Há intercalação de “olho” e fotografias. A entrevista é apresentada em colunas. Não há inserção de gêneros da esfera da propaganda.	Sequência de perguntas e respostas: perguntas (introduzidas com o nome da revista) e respostas (introduzidas com o nome do entrevistado). Há intercalação de “olho” e fotografias. A entrevista se apresenta em colunas. As bordas das páginas são impressas na cor vermelha em um fundo branco. Há inserção de gêneros da esfera da propaganda, que ocupam um espaço de destaque dentro da entrevista.	Sequência de perguntas e respostas: perguntas (introduzidas com o nome da revista) e respostas (introduzidas através do nome do entrevistado). Há intercalação de “olho” e fotografias. A entrevista apresenta-se em colunas. A entrevista é publicada em folha de cor amarela. Há inserção de gêneros da esfera da propaganda, que ocupam um espaço de destaque dentro da entrevista.

Tabela 1 - Organização textual da entrevista pingue-pongue nuclear.

Os dados apresentados na tabela 1 revelam que a entrevista nuclear apresenta uma relativa estabilidade em sua organização textual, a qual não se altera significativamente de uma edição para outra, ou de revista para revista. Entretanto, podem ocorrer algumas alterações com relação à diagramação, ou seja, elementos como a fotografia do entrevistado, o título, o subtítulo, dentre outros, podem receber diagramações diferenciadas, mas a presença desses elementos, bem como sua “sequência” no texto, sofre pouca variação. Portanto, há uma relativa estabilidade na organização textual do gênero, que obedece à seguinte sequência textual:

a) *Inserção do nome da seção e do nome do entrevistado* - o nome da seção em que está inserida a entrevista aparece na parte superior da página e, na mesma linha, há a inserção do nome do entrevistado;

- b) *Inserção do título* - o título está interligado ao conteúdo semântico-objetual da entrevista; em algumas situações, ele constitui-se em um “olho”; algo que foi dito pelo entrevistado e que está inserido na entrevista;
- c) *Inserção do nome do jornalista* - aparece com menos destaque; essa “assinatura” do jornalista sinaliza a autoria;
- d) *Inserção de introdução* – a introdução contextualiza o entrevistado, destacando seu papel social, suas realizações e o assunto/tema sobre o qual ele se pronuncia;
- e) *Inserção de sequência de perguntas e respostas* - introduzidas, respectivamente, pelo nome da revista e pelo nome do entrevistado. Há, nessa sequência, a intercalação de “olhos” e fotografia(s) do entrevistado.

Já a entrevista satélite apresenta a seguinte organização textual:

<i>Elementos da organização textual das entrevistas pingue-pongue satélites</i>
Título
Introdução (reduzida)
Pergunta e resposta (introduzidas com o nome da revista e do entrevistado)
Foto do entrevistado (ao final da entrevista ou nas margens laterais)
Frase de fechamento

Tabela 2 - Organização textual da entrevista pingue-pongue satélite.

A tabela 2, diferentemente do que aconteceu com a tabela 1, não foi subdivida por revistas pelo fato de que nas publicações das revistas *ISTOÉ* e *Veja* a organização apresenta a mesma sequência de elementos. A organização textual da entrevista satélite também se caracteriza fundamentalmente pela “estrutura” pergunta-resposta, porém não contempla todos os elementos observados na entrevista nuclear. Isso ocorre em virtude do espaço reduzido que aquela ocupa na revista, que, conseqüentemente, constitui-se em um índice valorativo. Essa organização textual compreende a seguinte sequência de elementos:

- a) *Inserção do título da entrevista* - constitui-se de um “olho”;
- b) *Inserção de introdução* - a introdução apresenta o entrevistado e o “teor” da entrevista; também faz menção ao nome do jornalista, que é, na maioria das vezes, identificado como “repórter”;

- c) *Inserção de sequência de perguntas e respostas* - em alguns casos, as perguntas e respostas são introduzidas, respectivamente, pelo nome da revista e pelo nome do entrevistado; contudo, em outras situações, inexistente a inserção do nome da revista e do nome do entrevistado;
- d) *Inserção de foto do entrevistado* - a fotografia do entrevistado geralmente se situa na lateral direita do texto ou na parte inferior da entrevista;
- e) *Inserção de uma frase de “fechamento”*.

Ainda, na organização textual (Cf. tabela 1) do gênero *entrevista pingue-pongue*, constatamos a intercalação de gêneros e também a presença de outros materiais semióticos além do verbal, que nomeamos como material semiótico pictórico (cores, diagramação das letras, fotografia etc.). Tendo em vista a importância desses dois elementos (a intercalação de gêneros e a questão verbo-visual) na constituição do nosso objeto de estudo, apresentaremos, nas seções seguintes, a análise dos referidos elementos.

5. A intercalação de gêneros na entrevista pingue-pongue

De acordo com Rodrigues (2001, p. 256), “Um dos traços relativos à heterogeneidade dos gêneros diz respeito à característica de combinação, de intercalação (implantação) de gêneros, que pode ser vista tanto no seu processo histórico de formação quanto no seu funcionamento discursivo”. A intercalação promove a dialogização entre os gêneros e revela o caráter de plasticidade dos gêneros, como afirma Rodrigues (2001, p. 247): “As diferentes formas de incorporação dos outros enunciados, os gêneros intercalados apontam para a elasticidade e plasticidade dos gêneros, para a própria essência da sua forma, ou seja, a relativa estabilidade da sua parte verbal”.

Com relação à intercalação de gêneros na *entrevista pingue-pongue*, a princípio, poderíamos dizer que ela inexistente, em virtude da relativa “estabilidade” que o gênero apresenta em sua organização textual; todavia, ainda assim, uma análise atenta aponta para a intercalação do gênero entrevista face a face.

A entrevista face a face (modalidade oral), por seu turno, corresponde à interação entre jornalista e entrevistado, o que equivale a dizer que se trata de um evento interativo único, um enunciado irrepitível, conforme propõe Bakhtin (2003), com suas finalidades discursivas, numa dada situação de interação, o que aponta para características de um gênero. A partir de

gravações ou anotações da entrevista face a face, esse enunciado é reenunciado como discurso citado em outra situação social de interação, com outros interlocutores (o leitor da revista, por exemplo), caracterizando um novo gênero, a entrevista pingue-pongue, que é publicada na revista ou no jornal (modalidade escrita). Além disso, a entrevista face a face constitui-se em um gênero potencializador de outros gêneros e enunciados, como a *entrevista pingue-pongue* e o discurso citado do entrevistado em outros gêneros, como na reportagem ou na notícia¹¹.

Essa intercalação ocorre em todas as *entrevistas pingue-pongues*, porém, de maneira implícita; é como se fosse uma “encenação” da interação face a face que se “aporta” no gênero. Ela perpassa aspectos relacionados ao auditório social do gênero, à concepção de autoria e à sequência de perguntas e respostas. A intercalação pode ser percebida durante a leitura da entrevista pelo leitor previsto, uma vez que temos a impressão de que os interlocutores do gênero são jornalista e entrevistado (interlocutores da entrevista face a face), e não autor da entrevista pingue-pongue e leitor. A mesma “impressão” é projetada na concepção de autoria¹², pois temos a “falsa” noção de que ela se situa entre jornalista e entrevistado, quando, na verdade, trata-se de um trabalho de co-autoria entre jornalista e editoria. E, finalmente, a intercalação genérica pode ser apreendida na materialização da sequência de perguntas e respostas, que é uma reenunciação, via discurso citado, da interação face a face, pois, ao apresentar a sequência de perguntas e respostas no “corpo” da entrevista, o autor está, de certa maneira, “simulando” a entrevista face a face.

Mais que um caso de intercalação de gêneros, podemos dizer que existe uma relação de constitutividade genérica entre esses dois gêneros, que se inicia com a entrevista face a face, até chegar à *entrevista pingue-pongue*; em outras palavras, a entrevista publicada (pingue-pongue) se “origina”, “nasce” da interação face a face entre jornalista e entrevistado; sem a

¹¹ A interação discursiva entre jornalista e entrevistado, que ocorre no momento da entrevista face a face, tanto pode ser reenunciada como *entrevista pingue-pongue* (objeto deste estudo), enunciado publicado em que a há a sequência de pergunta e resposta; como pode ser reenunciada em forma de *discurso citado (reportado)* do entrevistado que é inserido em outro gênero (por exemplo, notícia, reportagem, etc.). No caso de inserção do discurso citado do entrevistado em outro gênero, esse discurso passa a fazer parte de outra situação de interação discursiva, com objetivos discursivo-axiológicos diferenciados dos da entrevista pingue-pongue.

¹² A definição de autoria no gênero *entrevista pingue-pongue* mostrou-se uma tarefa demasiadamente complexa, pois o fato de existir uma assinatura, no início ou no final da entrevista, não garante o conhecimento da “real” autoria. Esse tema extrapola os objetivos deste texto; uma análise mais aprofundada dessa questão pode ser encontrada em: Silva, N. R. da. *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valorização do discurso do outro*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

situação de interação discursiva que ocorre na entrevista face a face, não há *entrevista pingue-pongue*. Essa posição analítica pode ser justificada na comparação entre os gêneros *entrevista pingue-pongue* e artigo assinado, uma vez que este último mantém uma relação de “independência” face a outros gêneros, o que equivale a dizer que o artigo assinado não necessita de outro gênero para “existir”, pois, apesar de estabelecer relações dialógicas com enunciados de outros gêneros, ele (o artigo) não surge de uma “dependência constitutiva”, como é o caso da entrevista pingue-pongue.

Além desse caso de intercalação, observamos que em algumas entrevistas, mais precisamente nas que constituem seção de revista (páginas vermelhas da *ISTOÉ* e páginas amarelas da *Veja*), ocorre a inserção de gêneros da esfera da propaganda¹³. Nesses casos, não se trata exatamente de uma intercalação de gênero, mas de uma “invasão” da esfera da propaganda no espaço da entrevista, em função do *status* agregado à entrevista, que se constitui como uma seção regular da revista: em outras palavras, em virtude do destaque que a seção de entrevista possui na edição da revista. A esfera da propaganda prevê a expectativa do leitor, que sabe, de antemão, que vai encontrar a cada semana uma entrevista “ampla” e, sendo esse um “lugar” privilegiado na edição da revista, tem curiosidade em saber quem é o entrevistado e o que ele tem a dizer; podemos dizer que há certo respeito e curiosidade, por parte do leitor, para com a seção de entrevista. Como essa entrevista recebe maior atenção tanto por parte do leitor, quanto por parte da própria revista, haja vista os valores comerciais desse espaço¹⁴, a empresa jornalística insere propaganda “dentro” da entrevista, “obrigando” o leitor a lê-la, ou, pelo menos, a “passar os olhos” nela. Nessa inserção da propaganda, observamos que há uma demarcação clara de que se trata de outro enunciado, com outro projeto discursivo, de outro gênero, que não altera as características e o funcionamento discursivo da entrevista. Podemos dizer que os gêneros da esfera propaganda “invadem” a entrevista, autorizados pela “editoria” da revista (via contrato

¹³ Neste artigo optamos por não fazer a diferenciação entre propaganda e publicidade, uma vez que consideramos, tal como Sant’Anna (2001), que a publicidade, embora mais ligada à circulação de mercadorias e serviços, assim como a propaganda (propagação de teorias, princípios, ideologias), está impregnada de valores ideológicos que buscam produzir concepções de mundo.

¹⁴ Através de consulta ao *site* da revista *Veja*, constatamos que uma propaganda inserida na *entrevista pingue-pongue*, em página dupla, chega a custar o equivalente a R\$ 291.500,00 e a de uma página inteira tem o valor de R\$ 145.800,00.

Disponível em:

http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/anunciar/precos_esp_nac2007.shtml. Acesso em 09 de jun. 2007.

comercial), o que se caracteriza em uma espécie de gênero “parasitário” que se aproveita deste espaço privilegiado e, conseqüentemente, do leitor previsto e do *status* do entrevistado para se enunciar. Os enunciados (propagandas) desse gênero quebram a sequência textual (Cf. tabela 1) da *entrevista pingue-pongue*; eles não fazem parte dela, apenas se “intrometem” no espaço da entrevista. Eles “irrompem” de dentro da entrevista e recebem muita visibilidade, ocupando, normalmente, páginas duplas; há casos, principalmente na revista *Veja*, de inserção de mais de uma propaganda.

Os anunciantes que pagam por esse espaço publicitário são empresas dos mais variados setores da economia e de grande abrangência, vinculados aos seguintes ramos: automobilístico - Chevrolet, Mitsubishi Motors, Peugeot, Toyota; indústria farmacêutica - Eurofarma; do mercado digital - Provedor Terra; instituições financeiras - Caixa Econômica Federal, Banco Real; setor de telefonia celular - Claro, dentre outros.

Como cada gênero se assenta sobre um diferente cronotopo, nessa situação, tem-se um cronotopo dentro de outro cronotopo, tendo em vista que os gêneros da esfera da propaganda “quebram”, ou melhor, “interrompem” a interação discursiva que se estabelece na leitura da *entrevista pingue-pongue*, para que se opere outra interação discursiva, dessa vez, a leitura das propagandas, que aponta para outra situação de interação (anúncio de um produto para um possível consumidor). Esse processo de inserção de gêneros na entrevista funciona como uma estratégia da empresa jornalística e, por conseguinte, da empresa anunciante, para “obrigar” o leitor a “interagir” com enunciados dessa área, objetivando estabelecer uma influência sobre o leitor-consumidor em relação ao “produto” anunciado.

Considerações finais

Procuramos, neste trabalho, apresentar algumas regularidades observadas na análise da dimensão linguageira do gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista, tendo como enfoque na *intercalação genérica* na entrevista.

Com esse intuito, mostramos a existência/presença de intercalação da entrevista face a face no gênero pesquisado, tendo em vista que os temas, o auditório social, a concepção de autoria sinalizam para a “presença” da interação face a face, que é reenunciada em forma de

entrevista pingue-pongue (enunciado publicado). Contudo não se trata de uma presença “tácita”, ao contrário, é como se fosse uma “encenação”, demonstrando uma relação de constutividade genérica¹⁵ entre esses dois gêneros (entrevista face a face e entrevista pingue-pongue). Além disso, há a inserção, ou melhor, a “invasão” de gêneros da propaganda na entrevista pingue-pongue, o que consideramos um gênero “parasitário”, que impõe sua presença no fluxo da interação discursiva entre leitor e enunciado (entrevista pingue-pongue). Evidenciamos, ainda, que o gênero entrevista pingue-pongue se materializa através de dois materiais semióticos: o verbal e o pictórico. O elemento pictórico que se sobressaiu na análise dos dados foi a fotografia, tendo em vista que esta se faz presente em todos os enunciados do gênero que compuseram os dados de pesquisa. Mostramos também que esse caráter multimodal do gênero amplia os sentidos discursivo-axiológicos materializados nos enunciados e constitui uma área fértil para novas pesquisas.

Referências

- BAKHTIN, M.; VOLOSCHINOV, V. N.. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BRAIT, Beth. *A construção do sentido: exemplo fotográfico persuasivo*. Líbero, São Paulo, v. 06, n. 11, p. 44-49, 2004.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese de doutorado. LAEL. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2001.
- RIBEIRO, João Ubaldo. Não aguento a cara deles. São Paulo: Três Editorial, n. 1930, 18 out. 2006.
- SANT’ANNA, A. *Propaganda: teoria-técnica-prática*. 7 ed. São Paulo: Pioneira, 2001.
- SILVA, N. R. da. *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- VANNUCHI, Camilo. *A entrevista pingue-pongue no jornalismo de revista*. Entrevista concedida via e-mail em 12 set. 2006.
- _____. *Condições de produção de uma revista semanal*. Entrevista concedida via e-mail em 02 de fev. 2007a.
- _____. *Processo de produção da entrevista pingue-pongue*. Entrevista concedida via e-mail em 03 de maio. 2007b.

¹⁵ “Capturar” o processo axiológico-discursivo de reenunciação da entrevista face a face, discutindo a relação de dependência constitutiva entre esta e a *entrevista pingue-pongue*, é um dos objetivos de pesquisa de doutoramento (SILVA, N. R.) em andamento no projeto intitulado: *Estudo dos gêneros do discurso jornalísticos: análises na perspectiva bakhtiniana da linguagem*.